



VIBRANTE PÓS-VOCÁLICA NO FALAR FORTALEZENSE

Maria Silvana Militão de Alencar
Universidade Federal do Ceará (Brasil)

Resumo: A presente comunicação objetiva descrever e analisar a realização ou não realização fonética da vibrante pós-vocálica nos contextos medial e final de palavra, na fala fortalezense. Utiliza as bases teórico-metodológicas da fonética e da fonologia, com abordagem da Dialectologia e da Sociolinguística, uma vez que foi feito além do estudo dos aspectos sonoros, o estudo das variações diatópicas (regionais) e diastráticas (sociais). Justifica-se por destacar o aspecto fônico, pois é nesse nível que as diferenças, tanto regionais quanto sociais, tornam-se mais evidentes e, onde, geralmente, as mudanças se iniciam. E, por destacar o papel da pesquisas empíricas que têm por finalidade a descrição da língua portuguesa em variantes, contribuindo, assim, para o maior conhecimento lingüístico e cultural. Os resultados evidenciam algumas tendências na fala fortalezense que a aproximam de outros falares do Brasil.

Palavras-chave: aspectos fonéticos, dialectologia, variação diatópica/diastrática.

Considerações iniciais

Nos últimos anos, os estudos dialetais e geolinguísticos, em nosso país, têm apresentado um grande avanço com o desenvolvimento de pesquisas, Dissertações de Mestrado, Teses de Doutorado nas universidades brasileiras, visando à elaboração de atlas lingüísticos estaduais e, contribuindo, de certa forma, para a publicação do nosso atlas geral – o Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB. Depois, vem a Sociolinguística, em nível regional, com uma série de projetos desenvolvidos, a exemplo do NURC, VARSUL, Censo, MFUL, PEUL, LUAL, PORCUFORT, VARPE, VALPB, Projeto da Gramática do Português Falado, que utilizam *corpora*, os mais variados, colhidos em diferentes regiões do país, possibilitando a realização de muitas pesquisas sobre diversos fenômenos de variação do português falado no Brasil.

A presente comunicação objetiva descrever algumas variações da língua falada em Fortaleza, referentes aos aspectos fonético-fonológicos, com enfoque particular nos estudos relacionados às diferentes realizações dos róticos, denominação utilizada, neste artigo, em substituição ao termo ‘vibrante’ para a classe tradicional de consoantes que apresentam as características articulatórias das realizações de “r”.

Discussões em torno do *status* fonológico das diferentes variantes dos róticos, na língua portuguesa, vêm de longa data e continuam em pauta ainda hoje. Alguns estudos se voltam para o aspecto variacional dos róticos, outros apresentam a distribuição destes, há aqueles que se voltam para o aspecto contrastivo, e os que enfocam aspectos sociais, como as diferenças diastráticas, a questão do estigma (o povo, a classe inculta), e o aspecto diatópico.

Como o processo tem se mostrado bastante produtivo e já realizado em várias localidades do Brasil, não perde sua importância ao tentarmos delinear a realização deste fenômeno na grande região metropolitana de Fortaleza, onde pretendemos suprir esta lacuna e, assim, contribuir para um maior conhecimento da nossa língua.

1. Considerações históricas

Com a difusão do latim, iniciou-se, na Língua Portuguesa, um processo de mudança latino-portuguesa. Segundo Zágari (1988: 107), “[...] a quantidade consonantal perdeu a relevância. Houve desfonologização: a perda de uma oposição distintiva. [...] as geminadas – todas – se simplificaram”.

O fonema /r/ do português é proveniente do rr latino (vibrante apical múltipla) que se opunha ao /r/ (vibrante simples – de uma só batida), o tepe (ou flap). Era uma oposição que levava em conta a quantidade de vibração da língua na articulação do segmento consonantal em posição intervocálica. Esta oposição permaneceu no espanhol e no italiano, e desapareceu no francês moderno. Somente mais tarde, com a uvularização das vibrantes apicais, passou a apresentar uma diferenciação qualitativa, com uma mudança no ponto (de anterior para posterior) e no modo de articulação (de vibrante alveolar para fricativa velar ou glotal).

Viana (1973: 105), a quem a lingüística portuguesa muito deve, principalmente, no aspecto fonético, afirma que “[...] a consoante rr não poderá ser vista como o redobro de r, porque os pontos onde as duas consoantes são produzidas não são idênticos: sua unidade de força é diferente”. E descrevendo a vibrante múltipla diz que

A ancípite central vibrante rr (r) é o r inicial ou rr dobrado das línguas neo-latinas, exceto o francês. Ela é pronunciada um pouco mais para trás que o r simples, e é geralmente lingual. [...] Algumas vezes pronuncio o r inicial como uma fricativa sonora, uma espécie de rr. Encontrei raramente esta particularidade na pronúncia de outras pessoas portuguesas. Este r fricativo sonoro é entretanto muito freqüente na pronúncia de brasileiros [...]; não saberia dizer, todavia, até que ponto esta pronúncia é individual ou dialetal; eu a notei entre os naturais de Pernambuco e de São Paulo. (1973: 102).

A variação da vibrante forte em português, segundo Câmara Jr. (1976: 16), corresponde a um “[...] estado de flutuação fonética, que no plano descritivo, ou sincrônico, é a contraparte de um lento trabalho diacrônico, que vai pouco a pouco ganhando novas áreas de falantes”. Essa marcha diacrônica ocorre, segundo o autor citado,

[...] no sentido da substituição da articulação anterior-bucal (vibração múltipla da ponta da língua junto aos dentes superiores) por uma vibração posterior, que vai da vibração raiz da língua junto ao véu palatino à tremulação da úvula e à mera fricção faríngea; [...] processo análogo ao que já se completou em francês parisiense, com a consolidação da articulação uvular do chamado r grasseyé. (1976: 16).

Com respeito à descrição da vibrante múltipla, Marroquim (1934: 93) diz que, de um modo geral, “Em português, o r inicial é sempre forte, rr”. Quanto à mudança de articulação, observou que, no Nordeste,

O r forte, inicial e medial, realmente, sofre uma notável mudança de ponto de articulação no falar nordestino. Passa de lingual dental tremulante, para gutural ligeiramente tremulante, com um sensível som aspirado. A articulação é no fundo da garganta e essa peculiaridade prosódica não sofre restrição. É de todos nós, cultos e incultos [...] Quem quer que pronuncie o r lingual palatal tremulante, cairá no reparo geral por falar de modo pedantesco. (1934: 35).

No Ceará, segundo Aguiar (1996: 77), “O r forte cearense é uma consoante velar que se articula com o tronco da língua aproximado do palato mole”, a quem contrapomos o posicionamento de Macambira (1985: 270) quando diz que:

[...] o nosso r vibrante se manifesta somente em dois contextos: entre vogais, como em Ceará, e após consoante como em Brasil. [...] Em outros contextos, isto é, no início e no fim do vocábulo (rosa, flor), bem como seguido por consoante (porta), o r cearense é aspirado, surdo ou sonoro, à semelhança do inglês home e perhaps. [...] O nosso rr é mais propriamente um som aspirado, como o h do inglês e do alemão, do que a fricativa dorso-velar do espanhol e do russo: mais um (h) do que (x).

No português europeu (PE), a vibrante em posição pós-vocálica é, geralmente, apresentada sem variação e com a especificidade fonética de consoante não-marcada Coronal [+ anterior]. Mas a

realização da apócope do /r/ é, também, confirmada neste idioma. Mateus (2003: 188) diz que o discurso informal do português europeu, no nível oral, mostra-nos que, ao contrário do que se afirma, é possível a não realização do /r/ em coda, como no português brasileiro (PB): “Essa supressão, que se verifica em final de palavra quando a palavra seguinte se inicia por consoante, não depende só de fatores sociolingüísticos como de começo se supôs. [...] mas é sensível a factores de carácter estritamente lingüístico”.

Teyssier (2001: 103-4), comparando a pronúncia do r em final de sílaba no PB e em Portugal, observou que:

[...] em certos registros familiares e vulgares, o português do Brasil tende a suprimir o r final de palavras; ex.: doutô (doutor), pegá (pegar), fazê (fazer). Por uma reação o que permanece nos registros mais formais, é pronunciado nessa posição como [r̄] (r forte de carro), quando em Portugal, nesse caso, o que se encontra é [r] (r brando de caro). O mesmo sucede em final de sílaba no interior da palavra; ex.: parte, certeza têm [r̄] no Brasil, mas [r] em Portugal.

Do ponto de vista do órgão articulatório, em nível fonêmico, há dois tipos de róticos em português: um anterior ou ápico-alveolar, tradicionalmente, denominado “r fraco” ou “vibrante simples”, cujo símbolo é /r/, que se manifesta, quase sempre, como um tepe alveolar vozeado, e um posterior velar ou uvular, que pode variar, consideravelmente, sua realização, chamado “r forte” ou “vibrante múltipla”, cujo símbolo é /r̄/.

Fonologicamente, os dois fonemas /r/ e /r̄/ se opõem somente em posição intervocálica, no interior da palavra, como em: “caro” – ca/r/o, “carro” – ca/r̄/o, “muro” – mu/r/o, “murro” – mu/r̄/o. Em posição não-intervocálica, há uma neutralização entre /r/ forte e /r/ brando, em proveito do primeiro membro. Seguindo consoante tautossilábica (na mesma sílaba), ocorre somente a vibrante simples /r/ – “prato” – /pra/to.

Foneticamente, os dois fonemas róticos apresentam variações. O vibrante simples [r] é encontrado na literatura lingüística, ora como “r brando” (Câmara Jr. 1977: 38), ora como “r fraco” (Silva 1999: 160), “ancípite central lene” (Viana 1973: 158), tap - tepe (Cagliari 1981: 185), flap “tapinha” (Macambira 1985: 70).

Como afirma Câmara Jr. (1976: 42), “[...] em português, a consoante vibrante forte (de rato erro ou tenro) pode ter articulação linguodental <rolada>, ou linguovelar, ou ser uma vibração uvular, ou mera fricção faríngea”. Em síntese, a variação dos róticos no PB pode realizar-se, foneticamente, através das variantes [r, r̄, ñ, ɹ, ʁ, h, x].

Além desses posicionamentos a respeito de ponto e modo e articulação dos róticos, na literatura da área, há duas interpretações a respeito: a primeira, de base estruturalista, admite que em português há duas vibrantes: a múltipla e a simples; a segunda, seguindo a maioria dos gerativistas, defende apenas um rótico subjacente no português que, para uns é a vibrante múltipla e, para outros, é a simples.

2. Análise do *corpus*

Em todo o *corpus*, foram levantadas 5.945 ocorrências contendo róticos. Desse total, 2.695 foram analisadas em contexto medial e final, e 3.250, nos demais contextos. No levantamento dos dados para a análise das realizações dos fonemas /r/ e /r̄/, foram considerados oito fatores, sendo três sociais (faixa etária, grau de escolaridade e sexo) e cinco estruturais (tonicidade da sílaba que contém o fonema, dimensão do vocábulo, categoria gramatical, natureza do contexto fonológico precedente e natureza do contexto fonológico subsequente). Posteriormente, estas ocorrências foram distribuídas por quatro contextos: contexto 1 (posição inicial), contexto 2 (intervocálico), contexto 3 (posição pós-vocálica medial) e contexto 4 (posição pós-vocálica final).

Pesquisas revelam que há uma estreita relação entre a estrutura silábica e a força consonantal. Por esta razão, na análise dos dados linguísticos em variação, o nosso estudo se voltou para análise do r em posição pós-vocálica (interna e externa), contexto favorável à variação lingüística, por destacar os fatores dialetais no realce de suas variantes.

➤ Contexto 3 (pós-vocálico medial) – porta – po[h]ta, corda – co[ɦ]da

Em posição pós-vocálica medial, o comportamento das variantes está relacionado à variável natureza do contexto fonológico subsequente e a fricativa glotal [h] é a predominante (88,44%). Além desta, notamos pouquíssimas realizações do tepe (0,22%), o apagamento, que se coloca como a segunda forma preferida (9,88%) e alguns processos de alteração fonética, do tipo metátese, alternância (1,45%), num total 1376 ocorrências.

Analisando o comportamento das variantes em posição pós-vocálica no interior da palavra, encontramos duas restrições: a presença da fricativa glotal – [h,ɦ] – como em “porta” – po[h]ta, “corda” – co[ɦ]da, e um processo de apagamento do rótico, ocasionado pela variável contexto fonológico subsequente, no caso, as obstruintes (oclusivas e fricativas) e soantes (nasais), como em: “surpresa” – su[∅]presa, “perturbado” – pertu[∅]bado, “perfume” – pe[∅]fume, “força” – fo[∅]ça, “murchar” – mu[∅]char, “informar” – info[∅]mar. Analisando este processo de apagamento, verificamos que, dentre as obstruintes, as fricativas desvozeadas, /f/, /s/ e /ʃ/, condicionam em maior número de vezes a não-realização do r precedente (77%).

Observamos que pode ocorrer o inverso do fenômeno acima, ou seja, por um processo de enfraquecimento, ocorre a substituição das fricativas vozeadas /v/, /z/ e /ʒ/, em determinados contextos, pela vibrante múltipla /r/ em sua variante aspirada [ɦ], como em “vou” – [‘ɦo], “a gente” – [a’ɦêʃi], “mesmo” – [‘meɦmu].

Pesquisadores documentaram esse fenômeno em Alagoas, Pernambuco e no Ceará (Aguiar 1996: 271-307), (Seraine 1970: 21-55). O fenômeno não é novo para estes autores e, todos eles, sem muita especificidade, corroboram que o uso dessa variante é socialmente estigmatizado. Outros autores veem, neste caso, um fator de nível de registro informal, numa fala mais relaxada, digamos, familiar, sem que venha a marcar uma variante regional ou social.

Trabalhos mais atuais têm contestado essa teoria. Para Roncarati (1988), as evidências de seu estudo demonstram que “[...] os fatores mais influentes no enfraquecimento das fricativas sonoras são de natureza lexical e interacional”. Cita como fatores lingüísticos mais importantes: a natureza da consoante seguinte, a presença do morfema imperfeito {-ava} e a natureza da vogal seguinte.

A respeito dessa marca no falar cearense, Macambira (1985: 273-4), fundamentando-se no “dialeto” [sic.] culto de Fortaleza, diz que:

O pronunciar-se o nosso v como r espirante nalgumas regiões cearenses demonstra com evidência o parentesco fonético entre as duas fricativas: carralo réi em lugar de cavalo velho. Até mesmo no português coloquial de Fortaleza, rambora substitui vambora na boca de formandos e formados, incluídos também os professores. A maior prova da semelhança é que, falando-se depressa, não se distingue se o falante preferiu v ou r no caso de vambora.

Nossa análise indica alguns fatos como os mostrados a seguir:

- A neutralização de /v/ > [ɦ] ocorre de forma sistemática, em posição inicial e medial, em nomes e verbos. Vejamos alguns dados: Vai se virar da maneira que ... – [ɦ]ai se virar da maneira que ... (In. 03); Ave Maria! A[ɦ]je Maria! (Inf. 04); Ele estava lá. Ele ta[ɦ]a lá. (Inf. 23); Jogava bola. Joga[ɦ]a bola. (Inf. 23).

- A neutralização de /z/ > [h] ocorre, sistematicamente, em posição medial, antes de consoante vozeada e, em posição final, seguida de vogal ou de consoante vozeada, como segue: Rixa mesmo. Rixa me[h]mo. (Inf. 01); Tem tantos nomes. Tem tanto[h] nome. (Inf. 04); Tisna - Ti[h]na. (Infs. 11, 12, 20); Desde - De[h]de. (Inf. 15); Mais de trinta. Mai[h] de trinta. (Inf.20); Foi mais ou menos. Foi [maɦio'mêno]. (Inf. 20).

- A neutralização de /ʒ/ > [h] ocorre sistematicamente em posição inicial, sendo mais freqüente com a vogal /a/ e com a vogal nasal /ê/, como nos casos: Já dá pra pintar. [h]á dá pra pintar. (Inf. 03); Levava a gente. Levava a [h]gente. (Inf. 23).

Observamos que, em termos discursivo-pragmáticos, em situação menos monitorada, digamos mesmo, relaxada, mais rápida, a fala favorece a neutralização e, até mesmo, o apagamento das referidas consoantes. Não muito comum é a troca do r pela fricativa desvozeada [ʃ]. Foram identificados no *corpus* alguns dados com esta marca, a exemplo de: Divertir - dive[ʃ]tir (Inf. 21); Artista - a[ʃ]tista (Inf.18); Vertigem - ve[ʃ]tigem (Inf. 23, 24). O processo de vocalização foi observado em alguns dados, como por exemplo, na palavra córrego > co[h]go > cóigo, em que houve a supressão da vogal postônica e, a seguir, a vocalização; na palavra “terçol”, realizada “teĩol” (Inf. 9);. Alguns casos de metátese foram identificados em nossos dados, tais como: “terçol” por “treĩol” (Infs. 1, 10, 11, 20).

➤ Contexto 4 (pós-vocálico final) – mar – ma[h]

Neste contexto, podemos considerar duas condições para realização do rótico: a sua realização diante de pausa (posição final absoluta); a sua realização diante de palavra iniciada por vogal ou por consoante (posição pós-vocálica, implosiva).

Diante de pausa, o comportamento das variantes correlaciona-se à variável natureza do contexto fonológico subsequente. Este contexto ficou resumido a uma variável binária, constituída pela presença do [h] (25%) e de sua supressão [Ø] (77%), com predomínio da última. Pelo alto índice de apagamento, deduzimos que a pausa pode ser considerada como favorável à não-realização da consoante. Tais resultados ratificam outras pesquisas anteriores a respeito dos róticos em posição implosiva, como: a de Callou (1979), Monaretto (2000), Hora; Monaretto (2003).

Diante de palavra iniciada por vogal, a permanência da consoante rótica, pode favorecer o seu apagamento, como em: “por exemplo” – po[Ø]exemplo, “botar água” – bota[Ø]água, ou favorecer a sua presença, como em: por exemplo – [pore'zêplu]; ouvir isto – [ovi'riɦtu]. Em 166 ocorrências do rótico pós-vocálico diante de vogal, apenas (2,4%) foram para a aspirada [h], (69,3%) foram para o zero fonético [Ø] e (28,3%) para o tepe [r]. Diante de palavra iniciada por consoante, das 330 ocorrências do rótico pós-vocálico, (18,8%) foram para a aspirada [h], (20,3%) para a aspirada [ɦ] e (60,9%) para o zero fonético [Ø].

A maior taxa de ocorrência de apagamento da consoante rótica foi apresentada com verbos no infinitivo, estando relacionada, portanto, à posição do r em final de palavra, confirmado em Callou (1979) e Monaretto (2000).

Com relação às variáveis sociolinguísticas, entre a faixa etária I e II quase não há diferença quanto à realização e não-realização do rótico. Há até um certo equilíbrio, o que em Sociolinguística denomina-se estabilidade. A diferença mais significativa fica no grau de escolaridade, com o Ensino Fundamental apresentando um percentual de 54,4% de não-realizações, e o Ensino Superior com 45,6%. A variável sexo, neste contexto, também, favorece o apagamento, com os homens mais uma vez encabeçando a inovação, com 58,9% *versus* 41,1%, para as mulheres.

Os estudos dialetais e sociolingüísticos têm mostrado que o conhecimento dessas variações pode ajudar bastante no conhecimento de nossa língua como um todo. Fazemos nossas as sugestões de Bagno (2000: 154), no sentido de que deve haver “Valorização das variedades não-padrão menos prestigiadas com demonstração científica de seu funcionamento lingüístico perfeitamente regulado, e incentivo ao estudo da língua falada em sala de aula”.

Considerações finais

Algumas tendências na fala do fortalezense a aproximam de outros falares do Brasil. Perante a verificação de resultados, as conclusões da análise efetuada põem em destaque os seguintes aspectos:

O processo de variação referente ao apagamento do r, em posição pós-vocálica final de vocábulo – CVr → CVØ – “cantar” > [kã'taØ], que ocorre em Fortaleza, reflete uma tendência generalizada à simplificação da estrutura silábica e, conseqüentemente, ao aumento numérico de sílabas canônicas – CV – no PB; As variantes registradas não dependem apenas de fatores sociolingüísticos. São sensíveis, também, a fatores de caráter estritamente lingüísticos, ocorrendo a supressão, preferencialmente, em determinados contextos segmentais; No contexto pós-vocálico medial, o r apresenta um condicionamento fonético para o apagamento diante de fricativas desvozeadas, como em: “curso” – cu[h]so, cu[Ø]so, “marcha” – ma[h]cha, ma[Ø]cha; A “reificação” das fricativas, ou seja, o processo de enfraquecimento das fricativas vozeadas /v/, /z/ e /ʒ/ na forma [ɸ], variante do fonema /r/, e que ocorre de modo significativo nos informantes, constitui uma marca muito forte no falar fortalezense, revelando a importância de um estudo mais aprofundado de descrição do PB; Os resultados mostraram que, no cômputo geral dos dados, no contexto inicial, prevalece a fricativa glotal [h]. No contexto intervocálico dá-se o contraste fonêmico entre [h] e [r], como ocorre na maioria dos falares do PB. Nos contextos pós-vocálicos medial e final, dependendo da variável natureza do contexto fonológico subsequente, podem ocorrer as variantes: [ɸ], [r] e [Ø].

Referências bibliográficas

- Aguiar, Martinz de. 1996. *Repasse crítico da gramática portuguesa*. Fortaleza, Casa de José de Alencar. (Coleção Alagadiço Novo, 80).
- Bagno, Marcos. 2000. *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social*. São Paulo, Loyola.
- Cagliari, Luiz Carlos. 1981. *Elementos de fonética do português brasileiro*, Tese de Livre Docência, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Callou, Dinah Maria Isensee. 1979. *Variação e distribuição da vibrante na fala culta do Rio de Janeiro*, Tese (Doutorado), UFRJ/PROED.
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso. 1976. *Problemas de linguística descritiva*, Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes.
- _____. 1977. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes.
- Hora, Dermeval da; Monaretto, Valéria N. de Oliveira. 2003. Enfraquecimento e apagamento dos róticos, in _____; Collischonn, Gisela. *Teoria lingüística: fonologia e outros temas*, João Pessoa, UFPB.
- Macambira, José Rebouças. 1985. *Fonologia do português*, Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto.
- Marroquim, Mário. 1934. *A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)*, São Paulo, Nacional.
- Monaretto, Valéria N. de Oliveira. 2000. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do Sul do Brasil. *Letras de Hoje*, 35:1: 275-284.
- Roncarati, Claudia. 1988. Enfraquecimento das fricativas sonoras, in Aragão, M. S. S. de; Soares, M. Elias (orgs.). 1988. *O português não-padrão de Fortaleza*, Aspectos fonológicos, sintáticos e discursivos, Fortaleza, UFC (no prelo).
- Seraine, Florival. 1970. A relação do Maranhão do Padre Luís Figueira e o falar cearense atual, *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza.
- Silva, Thaís Cristófar. 1999. *Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*, São Paulo, Contexto.
- Teyssier, Paul. 2001. *História da língua portuguesa*, São Paulo, Martins Fontes.

- Viana, Aniceto dos Reis Gonçalves. 1973. *Estudos de fonética portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Zágari, Mari Roberto Lobuglio. 1988. *Fonologia diacrônica do português*, Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora.

